



Chryst Chrystello*

Memórias de infância da geração pós-guerra

O meu mais novo, há tempos, depois de ter ouvido prédicas sobre os tempos difíceis do pós-guerra e as esparsas prendas que se recebiam ou tratamentos especiais em datas memoráveis, trouxe-me uma lata de Canada Dry numa loja em Ponta Delgada e não na tradicional garrafa que eu recordo.

Foi uma revisitação a tempos felizes e não sabíamos então. Foi bom, e estou-lhe grato por me ajudar a reviver memórias esquecidas de tempos perdidos. Com efeito há sabores de infância que nunca se esquecem, esse, o da Sumol, Laranjina C, mais tarde a Coca-Cola que se ia beber a Tui (Galiza pois era proibida pelo salazarento) e na adolescência as pequenas garrafas do mini-espumante Magos.

No meu tempo, as prendinhas eram trazidas pelo menino Jesus e ora vêm de rena com o pai natal. Isto até aos sete anos, data em que descobri as prendas escondidas por cima do guarda-fatos dos pais, e aí perdi a virgindade do natal. Hoje ninguém se contenta com umas camisolas, camisas, meias ou algo assim, querem todos um iPod, iPad ou o último modelo de "smartphone" ou PlayStation com realidade virtual. Por mais que tente recordar poucos terão sido os brinquedos que tive no "sapatinho" ou na "meia" da árvore de natal.

Eram diferentes esses tempos, como a festa de anos muito especial, nos 9 ou 10 anos, em que os meus pais me levaram ao Palácio de Cristal (Porto), a que hoje chamam pavilhão Super Bock Rosa Mota, a lanchar e da qual ainda evoco o Sumol de ananás (sempre o meu favorito) e o bolo que fizeram as minhas delícias por não ser um artigo comum do dia-a-dia. Fora numa esplanada na avenida principal junto ao Teatro ao ar livre que ainda existe (hoje chamam-lhe a Concha Acústica). Estavam a cair as folhas amareladas pelo outono e a encherem de tons alaranjados o piso de areia da longa avenida por onde passava um comboio de fingir a apitar cheio de crianças contentes.

Eram outros os tempos e as expectativas. Andar de barco a remos no pequeno

lago em frente, um privilégio raramente utilizado e tais diversões resumiam-se a uma vez ao ano em anos bons, talvez bissextos, quem sabe? Aprendia-se a dar o devido valor ao que se não tinha e a que nem se aspirava. Hoje com a sofreguidão típica da geração "baby-boomers" dá-se tudo aos filhos que vão pedindo mais e melhor, insatisfeitos com o muito que têm na sociedade consumista que a todos assola e assolapa de dívidas.

Mas a Canada Dry que o meu filho me trouxe soube bem, e estou-lhe grato por preencher mais uma peça do puzzle de dias felizes que nem sabíamos que existiam.



*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713
(Australian Journalists' Association MEAA)



Daniel Bastos

Maria Beatriz Rocha-Trindade: uma vida de trabalho académico sobre migrações

No decurso das últimas décadas o estudo sobre o fenómeno migratório tem sido profusamente enriquecido com um conjunto diversificado de atividades e trabalhos que têm dado um importante contributo para o conhecimento da emigração portuguesa.

Neste conjunto diversificado de atividades e trabalhos, onde se cruzam os olhares interdisciplinares das ciências sociais, encontram-se, entre outros, livros, artigos em revistas científicas, congressos, conferências, relatórios, dissertações de licenciatura, mestrado e doutoramento.

Autora de uma vasta bibliografia sobre matérias relacionadas com as migrações, onde se destacam, entre outros, os livros *Sociologia das Migrações* (1995), *Migrações - Permanência e Diversidade* (2009), *A Serra e a Cidade - O Triângulo Dourado do Regionalismo* (2009) ou *Das Migrações às Interculturalidades* (2014). E colaboradora habitual de revistas científicas internacionais neste domínio, Maria Beatriz Rocha-Trindade, nascida em Faro, e Doutorada pela Universidade de Paris V (Sorbonne) e Agregada pela Universidade Nova de Lisboa (FCSH), é uma das cientistas sociais que mais tem contribuído para o conhecimento da emigração portuguesa.

Professora Catedrática Aposentada na Universidade Aberta, foi responsável pela fundação nos inícios dos anos 90, nesta instituição de ensino superior público, do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI). Um centro pioneiro na área das Migrações e Relações Interculturais, que conta atualmente com mais de meia centena de investigadores, e que tem dinamizado ao longo dos últimos anos uma intensa pesquisa interdisciplinar e formação avançada na área das migrações e das relações interculturais em contexto nacional e internacional.

O pioneirismo da insigne académica e investigadora está igualmente expresso na introdução em Portugal do ensino da sociologia das migrações, primeiro na Universidade Católica, no curso de Teologia, em 1994, e dois anos depois, na Universidade Aberta, a nível de licenciatura e de mestrado.

Membro de diversas organizações científicas portuguesas e estrangeiras,

designadamente da Comissão Científica da Cátedra UNESCO sobre Migrações, da Universidade de Santiago de Compostela, do Museu das Migrações e das Comunidades, criado em 2001 por deliberação do Município de Fafe, e da Comissão Científica do Centro de Estudos de História do Atlântico/CEHA, a Professora Maria Beatriz Rocha-Trindade, coordena presentemente a Comissão de Migrações da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Constituída por membros oriundos de vários quadros da sociedade que têm estudado e refletido sobre o fenómeno migratório, emigração/imigração, a Comissão de Migrações da Sociedade de Geografia de Lisboa, uma das mais relevantes instituições culturais do país, tem sido responsável pela dinamização de relevantes iniciativas no campo do fenómeno migratório. Como por exemplo, em 2019, quando realizou o colóquio "CPLP - que presente e que futuro?", ou no ano anterior, o "Fórum Luso-Estudios/ Edição 2018", o seminário "Enologia, Mobilidade e Turismo" e a conferência "Jornalismo para a Paz em contexto de mobilidade".

O percurso de vida singular e o trabalho académico laborioso da Professora Catedrática Maria Beatriz Rocha-Trindade, Titular da *Ordre National du Mérite*, de França, com o grau de *Chevalier*, da Medalha de Mérito do Município de Fafe e da Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública, de Portugal, foram recentemente expressos no XXVI Congresso Internacional de Antropologia Ibero-Americana, considerado um dos mais relevantes do espaço Ibero-Americano, este ano realizado no Fundão e subordinado ao tema "Territórios, Migrações e Fronteiras".

No âmbito do Congresso, decorreu uma sessão de homenagem à Professora Doutora Maria Beatriz Rocha-Trindade, com a atribuição da Medalha de Ouro do Município do Fundão, destacando os seus responsáveis que a "insigne investigadora de referência internacional na área das migrações, tem desenvolvido, ao longo da sua carreira, um precioso e incontornável contributo para o conhecimento das migrações nos âmbitos disciplinares da Sociologia, da História, da Geografia e da Antropologia".